Contribuição para o estudo

da linguagem infantil

CONTRIBUIÇÕES

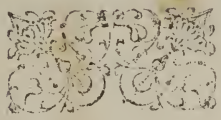
PARA O ESTUDO

DA

LINGUAGEM INFANTIL

por

J. Leite de Vasconcellos



Barcellos

Typographia do Trocinio

1883
e
1884

EDIÇÃO DE 30 EXEMPLARES

N.º 30

I

LINGOAGEM INFANTIL HISPANHOLA (1)

A lingoagem das creanças, como toda a lingoagem, como todas as cousas, não se fórma num momento, como, segundo nos diz o Genesis, se formou a luz *Vi hor!* haverá luz, e houve luz. A lingoagem infantil fórma-se por uma serie de crescimentos e transformações interiores e exteriores, que são, como os graus de qualquer crescimento, lentos e inapreciaveis. Acaso no pranto com que a creança saúda a sua entrada na vida, mero producto da mudança de temperatura que

---

(1) Esta 1.ª *Contribuição* traduzo-a de um artigo intitulado *Titim* (nome infantil de *Joaquin*) que o meu amigo e activo folklorista sevilhano, o snr. A. Machado y Alvarez, publicou no jornal hispanhol *La Tribuna*. O artigo é offerecido ao distincto professor austriaco, o snr. Dr. Hugo Schuchardt. Não traduzo senão a parte que propriamente se occupa do assumpto; e deixo ao auctor a responsabilidade das suas affirmações. Consta-me que este artigo foi ou vae ser traduzido em varias linguas extrapeninsulares.

E' de esperar que o sr. Machado continue nas suas observações, com o que presta um serviço á sciencia.

experimenta ao sahir da estufa, em que vive, para o ar livre. estão os germens da lingoagem humana. Desde esse primeiro pranto até á edade de tres annos, pouco mais ou menos, a creança fórma o seu primeiro vocabulario,—uma lingoagem completa. Desde aquelle momento até esta edada, convem observa-lo, sem descançar, a todos os momentos, e ir notando cuidadosamente todos os sons, e as articulações que elles produzem: ahi encontrarão os philologos e os phonologistas materiaes importantissimos para os seus estudos e talvez a chave para a resolução de graves problemas. Para esta tarefa no emtanto requer-se uma serie de condições especialissimas, tempo, paciencia, amor ao assumpto, educação acustica e musical, e meios graphicos adequados para conservar e tambem poder reproduzir o que se ouve: sem tal concurso de meios e de qualidades no observador não se póde adeantar um passo. No *Averiguador*, periodico quinzenal que o sr. D. José Maria Sbarbi dirige em Madrid, vi reduzido a syllabas o canto do rouxinol; aquelle trabalho, se a memoria me não é infiel, foi o resultado da observação de um allemão illustre, durante dez annos. A lingoagem das creanças requer não menos paciencia nem menor somma de conhecimentos. A falta de educação acustica esterilisa os melhores esforços; a *observação* do mundo

exterior, tão desdenhada pelos nossos philosophos, é, segundo me parece, uma das obras de arte mais importantes e mais difficeis. Para estudar a lingoagem das creanças, como qualquer phenomeno phonetico em geral, é preciso não só querer, senão tambem *saber* ouvir. Lembro a este proposito que, fallando um dia com o illustre philologo a quem dedico este artigo, elle me dizia:

—Repita, repita V. a palavra *yo*.

Ao repeti-la pela terceira vez, disse-me com grande espanto meu:

—Na palavra *yo*, que V. pronuncía, ha um *d*.

—Como um *d*? perguntei eu.

—Sim, me replicou; sôa como se V. dissesse *dyo*.

Se não fosse tão grande a auctoridade do meu amigo, julgaria uma brincadeira a sua affirmação; mais tarde suppuz encontrar nella a explicação do facto de o povo andaluz dizer *dyendo* em vez de *yendo*. A educação acustica foi considerada por mim, desde o dia d'aquella conversa, como indispensavel, como condição, *sine qua non*, para esta especie de estudos de que então nada sabia e de que hoje nada sei. A educação acustica é inteiramente necessaria para taes investigações. Afim de as levar a cabo, com exito, necessita-se,

antes de mais nada, de uma circumstancia que não espero poder obter na Hispanha durante ainda muito tempo, circumstancia que seria a primeira de todas e que talvez se possa conseguir na Inglaterra ou na Allemanha, ou em outros paizes mais adeantados do que o nosso: refiro-me á associação da mulher a estes estudos. Ellas, dotadas de maior paciencia, de maior delicadeza de sentido do que nós, e, numa palavra, de melhores condições para estas observações do que talvez sem motivo chamão ninharias, sem pensarmos que, segundo a inspirada poetiza Estevarena

Grandeza y poderio
Existe en lo pequeño:
Quien sabe? Puede ser que no se pierda
Ni hoja de flor, ni humano pensamiento!

poderião dedicar-se a esta tarefa. Os nomes de Miss Busk, a illustre collectora do Folk-Lore de Roma, de C. Michaëlis em Portugal, da S.ª C. Coronedi Berti em Italia, de Mad. Reinsberg-Duringfeld na Belgica, e Fernan Caballero e tambem a Señorita Maspons na Hispanha, bastão por si sós para provar até que ponto estas investigações, ramo do Folk-Lore, poderião desenvolver-se com o concurso do bello sexo.

Emquanto se não realisa esta feliz circumstancia, ou pelo menos se não prepára nesses paizes do Norte,

mais tenazes, reflexivos e proprios para a sciencia do que os meridionaes, as investigações sobre a lingoagem das creanças são inteiramente impossiveis. Envergonhar-me-hia, se me não animasse um nobilissimo proposito, de trazer a publico os tres ou quatro insignificantissimos dados que com o affectuoso auxilio de minha mãe e senhora pude recolher durante um brevissimo periodo de interrompidas observações,—dados que, com a percipitação anti-scientifica do caracter do que vive nesta bemdita terra, me forão sufficientes para estabelecer cá commigo uma hypothese com a qual explico *Titin* corresponde perfeitamente a *Joaquin* como *Totó* a *Salvatore* e *Lala* a *Juana*, como eu chamava, segundo me dizem, a uma antiga creada que, com minha mãe, tomou parte nos trabalhos da minha criação.

Não sei se diga segundo as minhas proprias observações (tão imperfeitas forão) se segundo o que imaginei a respeito d'ellas, é depois dos primeiros prantos, complexo de sons e talvez de articulações levissimas que não posso decifrar nem distinguir, que, aos tres ou quatro mezes, vem o classico *aj*. . .*jóo* com que a mãe, discipula da creança, a incita a completar o esforço a que a natureza a provoca. Não é pois o que chamamos uma vogal, nem uma consoante,

com um monosyllabo o primeiro indicio com que se annuncia o primeiro germen perceptivel da linguagem humana. Sobre este interessante vocabulo, que não tem, que saibamos, significação conhecida, nem reconhece outra origem a não ser o desejo que a mãe mostra de favorecer os esforços naturaes da creança para o pronunciar, não nos é dado dissertar com os convenientes conhecimentos linguisticos; permitta-se-nos chamar a attenção sobre o caracter guttural forte (a *j i* grega) da primeira consoante empregada e sobre o *a* que a procede e o *o* que a termina. Do *a* ao *o* ha uma verdadeira escala de sons e uma infinidade de matizes sonoros inapreciaveis, ligados pela guttural que lhes serve como de nexo. Antes de pronunciar o *aj... jòo* que a mãe lhe diz, a creança repetiu mil vezes alguma cousa que se poderia representar acaso por um *ah...hôo, ag...gòo*. O *aj...jóo* que é uma das primeiras, senão a primeira, das graças, das *habilidades* (obras artisticas) da creança, é para mim um dado que me faz pensar que o organismo não produz talvez na primeira epocha da vida esses phenomenos phoneticos que chamamos vogaes e consoantes. Nas creanças, ou antes, nos meus filhos, observei sons, que eu poderia chamar *gutturalisações*, uma especie de *ghghgh gghgghggh*, em cuja terminação julgava escutar sempre

como que o som de uma vogal. Ha em todas estas gutturalisações alguma cousa de análoga aos graus expressos pelas letras arabes que Claire na sua grammatica *Hé-ha-kha* (que aqui chamaremos *já*) e o *ghain*, e alguma cousa parecida tambem com o *digamma* colico. Seja porém como for, parece que as gutturaes são as primeiras letras que se fórmão nos primeiros mezes da vida infantil; lettras gutturaes ou esforços, não sei se conscientes se inconscientes, que preparão os orgãos buccaes para o desempenho das suas complicadas funcções. Após estas primeiras manifestações,—que teem alguma cousa do grunhido, mais ou menos claro, de certos mammiferos, que mais parecem movimentos reflexos do que conscientes, e sob os quaes parece ás vezes transparecer uma certa variedade de elementos phoneticos que hão de ser mais palavras em um valor certo, taes como *aghua*—*agua*,—succede um segundo periodo que começa de ordinario aos dez ou doze mezes.

Nesta edade, ou um pouco mais tarde, segundo o seu grau de desenvolvimento, principião as creanças a pronunciar monosyllabos isolados de caracter labial: o *pa-pa-ma-ma*, e poucas vezes *me* ou *pe*, occupa um periodo mais ou menos largo, em que cada um se cança de observar, sem notar progressos. A creança pare-

ce um rudo que não acerta a juntar as syllabas; parece o periodo das lingoas monosyllabicas: o *pa*, o *ma*, no emtanto, e o *ta* e o *te*, que vêem depois de estarem formados todos os dentes, soão claros, distinctos, com individualidade, como certas notas e syllabas dos passaros.

Tenho uma vaga ideia do que alguns philologos attribuem a origem da lingoagem ao canto das aves; ignoro completamente o fundamento scientifico d'esta hypothese, a respeito da qual se póde applicar o dictado *he oido campanas sin saber en donde*; porém, seja como fôr, e sem pretensão de nenhuma especie, chamo a attenção dos philologes para este periodo dos dez ou doze mezes aos dezoito nas creanças, periodo em que, e ainda depois, se observão nellas movimentos graciosissimos de braços, analogos aos movimentos das azas dos passaros, movimentos que recordão a theoria que suppõe que o homem percorre no seu embryão as principaes phases da escala zoologica.

Ao emprego dos monosyllabos (em que entrão labiaes) *pa*, *ma*, *ba*, o ultimo dos quaes dá origem ao joguinho infantil que consiste em pequenas palmadas que a mãe ou a ama imprimem á bocca da creança' fazendo-a dizer *ba baa baaa baa baaa*,—e ao

emprego dos monosyllabos (em que entrão dentaes) *tá* ou *té*, segue-se a pronunciação de outras consoantes, cuja ordem de apparecimento não podemos, por falta de coragem e de paciencia, observar. Neste periodo, isto é, dos dezoito mezes em deante, começão as creanças não só a pronunciar outras consoantes além das indicadas *(b, p, m, t)*, mas a repetir os monosyllabos, juntando-os, como por ex.: *papá, mama, tata*. Meu filho José, aos vinte mezes de edade, dizia as seguintes palavras, que copio de uma nota da minha carteira:

1	papa	9	fo
2	mama	10	osa
3	tete	11	oncha
4	tata	12	pá
5	eche	13	má
6	omo	14	apa
7	oche	15	uchacha
8	fá	16	aba

A'cerca d'estas dezaseis palavras que formavão, com alguma leve omissão, o *vocabulario* de meu filho José aos vinte mezes de edade, não farei mais que estas observações: que com fó queria dizer *flor;* com

TATA, *bota;* com UCHACHA, *muchacha;* com ABA, *agua;* com PA, *pan;* com OCHA, *Concha* (nome da creada); e com TETE, *tio Pepe.* O *c*, como se vê, e outras consoantes, não as pronunciava; o *f* foi, d'entre as citadas, a ultima que elle pronunciou, e por certo que teve por mestre d'ella a um lindo gato negro, o qual, se, por milagre, o arrebunhou poucas vezes, sem especie alguma de milagre, lhe ensinou a pronuncia do *f*, fazendo *ffff*, som que elle pretendia imitar.

Meu filho Joaquim, que tem hoje approximadamente a edade de seu irmão José no anno de 1881, dispunha ha pouco mais de um mez, isto é, aos dezanove mezes de edade, do seguinte vocabulario, já notavelmente enriquecido, que transcrevo com a sua significação usual:

1	Papá		10	Pepe	*Pepe*
2	Mamá		11	ubi	*subir*
3	Papa		12	riná	*orinar*
4	Nene		13	ahua	*agua*
5	Titin	*Joaquim*	14	aba	
6	Tetin		15	abí	*abrir*
7	Caquin		16	cocos	*mocos*
8	baar	*bajar*	17	cocón	*Encarnacion*
9	cáe	*caer*	18	cancon	

19	cocó		25	aiya	*silla*
20	cacon	*Encarnacion*	26	erá	*cerrar*
21	ashon		27	coca	*toca*
22	mi	*yo*	28	Quica	*Francisca*
23	Tete	*Pepe y carrete*	29	ntá	*sentar*
24	no		30	tata	*zapatos*

Vamos fazer algumas ligeiras observações sobre este vocabulario, tambem interrompido, e o anterior.

Ambos os meninos pronunciavão na edade de onze mezes o *p*, o *m*, o *t*; o *f* não o pronunciou o primeiro até aos vinte mezes, e o segundo até haverá quinze dias, isto é, aos vinte e dois mezes. Aquelle pronunciou *och* na palavra *eche* (*leche*) e *ocha* (*Concha*), esforçando-se por repetir o nome da creada de então, Concha; este, pelo contrario, pronunciou primeiro o *c* que aquelle não pronunciava, esforçando-se por dizer o nome da rapariga que hoje o cria, á qual chama *Cocón*, *Cancón* e *Ashón* (Encarnacion). Na lingoagem do primeiro predominárão, primeiro o *f* e depois o *ch* (que se achava na palavra *Concha*); no segundo o *q* ou *c* forte (que faz parte da palavra *Encarnacion*). No segundo vocabulario falta o *f* e figura em troca o *c* que faltava n'aquelle, o *r* suave, o *n* que só existia naquelle na palavra *oncha*, e o *sh* analogo ao *sh* inglez nas pa-

lavras *she*, *short*, etc., e o *y* em vez de *ll* na palavra *silla* que os andaluzes dizem *siya*. Em quanto aos elementos vogaes é muito mais rico o segundo vocabulario que o primeiro, pois naquelle podem reduzir-se a

a—á—ó

a *a*	*o* *o*
a *a*	*o* *e*
e *e*	*o* *a*
	u *aa*

em quanto que no segundo

a—i—o	*aá*	*ei*	*oo*
	aa	*ai*	*ao*
	ee	*ui*	*ea*
	ii	*ia*	*oa*

Cremos com effeito poder affirmar, em vista dos vocabularios mencionados, que em todas as vozes infantis, tanto *monosyllabicas* como *dissyllabicas*, não entra senão uma consoante como componente, ou isolada como em *pa*, ou repetida como em *papa;* as creanças, na epocha a que alludimos, dizem *papa*, *mama*, *tata*, porém nunca *pata*, *tapa*, *mata*. As palavras *cocón*, *cacón*, *cancón* e ainda *ashón* (é sabido que os andaluzes

pronuncião o *c* como *s* (*) e dizem *Encarnasion* por *Encarnacion*) e *Quica* em vez de *Francisca*, obedecem á lei que, segundo cremos, presidiu á formação das palavras *Caquin*, *Tetin* e *Titin*. Em Guatemala porém e no Mexico, segundo me informa meu pae, diz-se *Quico* e *Quica* em vez de *Francisco* e *Francisca*.

(*) Entenda-se o *s* castelhano e não o portuguez, que na palavra *Encarnasion* valeria *z*. (N. do T.)

II

LINGOAGEM INFANTIL PORTUGUEZA

(LIGEIRAS OBSERVAÇÕES)

Assim como, em geral, o homem não morre de uma vez, mas por partes, podendo até dar-se o caso, apparentemente paradoxal, de ter cessado a vida, na accepção vulgar do termo, e comtudo os tecidos do organismo continuarem a viver durante um periodo mais ou menos longo, segundo a constituição molecular d'elles, a abundancia de elementos nutritivos, etc.,—assim tambem não nasce inteiramente formado. O systema muscular, o cerebro, os dentes, etc., desenvolvem-se a pouco e pouco.

Com este desenvolvimento gradual dos orgãos havia de evidentemente coincidir o das funcções, e por tanto o da faculdade da lingoagem articulada.

Alguns escriptores se têm já occupado da lingoagem infantil, como Taine na sua obra *L'Intelligence*

(vid. tambem *Revue de Anthropologie*, V, 345), Egger no opusculo *Observations e réflexions sur le développement de l'intelligence et du langage chez les enfants*, B. Perez no livro *Les trois prémières années de l'enfant* (que se acha resumido na *Revue Scientifique* de novembro de 1878, pg. 422 sq.), e, além dos mencionados, outros, cujos trabalhos só conheço por criticas ou indicações bibliographicas, como Schultze *(Die Sprache des Kindes* (1) *)*, Francesco Corazzini *(I componimenti minori della letteratura popolare italiana*, etc. (2) *)* A *Revue de Anthropologie*, I (2.ª serie), 546, consagra uma critica favoravel a um trabalho do professor Tamburini sobre physiologia e pathologia da lingoagem.

Em Portugal, porém, como o snr. Coelho disse no citado n.º do *J. do Commercio*, «ninguem se occupou ainda do assumpto», e por isso vou aqui fazer umas ligeiras observações a respeito da lingoagem infantil de quatro creanças portuguezas.

A lingoagem infantil comprehende várias questões;

---

(1) Apud Ad. Coelho in *Jornal do Commercio*, n.º 8842, onde se citão varios trabalhos antigos e modernos relacionados com o assumpto.

(2) Apud *El Folklore andaluz*, 425, onde lhe é dedicada uma noticia bibliographica.

mas é sómente da phonetica que aqui tracto, e ainda assim, como já dei a entender, incompletamente. Mais tarde espero voltar ao assumpto um pouco mais de vagar.

Para maior simplicidade, designo por lettras as quatro creanças que observei: *A* representa um menino de 4 a 5 annos, da Extremadura; *B* uma menina de 5 annos e 1 mez, do Porto; *C* outra menina de 3 annos e 9 mezes, da mesma cidade; *D* um menino de 4 annos, tambem do Porto.

Como estas observações não são completas, é-me permittido seguir qualquer ordem.

Começo pelo *c*. A creança A dizia *tála* (=cal), *táta* (=carta), *táma* (=cama), *póto* (por *tópo*=corpo), *tarrinha* (carninha), *tássa* (=casa) (3).

---

(3) Egger cita os seguintes factos phoneticos de uma creança de 4 annos: *crop* (=trop), *cravailler* (=travailler). Pg. 49.=Beaunis *(Nouveaux élements de physiologie humaine*, 2.ª ed.) cita na ling. popul. fr.: *mékié* (=métier), *amikié* (=amitié). Pg. 959.—Ch. Joret *(Du C dans les langues romanes)* fornece o seguinte: *quien* (=tien) *gieu* (=Dieu). Pg. 12. E' o inverso dos casos apresentados por mim, mas vê-se ahi a relação entre a guttural e a dental. O mesmo Joret, em nota, transcreve estas linhas de M. Müller: «Dan les langues des iles Sandwich *k* et *t* se confondent tellement qu'il est impossible à un étranger de

A mesma creança fazia a apherese do *d* em *êntes* =dentes), *ênto* (=dentro), *lheio* (=dinheiro), comquanto dissesse *dêdos*.

Incidentemente fica indicada a correspondencia de *lh* a *nh* (4).

A creança *B* dizia *ani* (=alli), *nuss* (=luz); a creança *C* dizia *nêtas* (=lettras) (5).

A creança *B* dizia *néias* (=orelhas), *juéios* mas tambem *juéilhos* (joelhos); *C* dizia tambem *néias*, *juéios* e *bemeio* (vermelho), *béia* (=velha); *D* dizia *berméio* e *mémeio* (=vermelho). *rôia* (=rolha), *râiár* (=ralhar, *iú* (=lh'o), *ie*, isto é, *i-e* com accento no *e* como em *que* (=lhe), *arróio* (=arrólho), *Júio* (Julho), *sarrâi-ei-o* (=sarralheiro), *pâi-ei-ro* (=palheiro), *Mâi-ei-ro* (=Malheiro), etc. (6).

---

dire si ce qu'il entend est un son guttural ou un son dental.» Cfr. pg. 61.

(4) Cfr. port. *Dianho* (=Diálho).

(5) Conheço o caso pathologico de um sujeito do Minho, o qual substitue sempre *n* a *l*, ex.: *Néite* (=Leite), *anì* (=alli), etc.

(6) Ha aqui um facto geral de substituição do *i* ao *lh*; cfr. o que eu escrevi na *Revista de estudos livres*, pg, 91, sobre os dialetos hispanhoes.—Na pronuncia franceza, pelo menos de Paris e do Norte, o *l* molhado desappareceu; assim se diz: *mâ-y'* e não *ma-ll'* (=maille), *pâ-y'* e não

O *r* entre vogaes troca-se por *l*: creança *C*: *piles* (=pires), *cála* (=cara), *pâla* (=para), *melenda* (=merenda); creança *B*: *cála* (=cara), *chouliço* (=chouriço).

Vejamos agora alguns grupos de consoantes em que o segundo elemento é *r*. Tanto a creança B como C tractavão do seguinte modo esses grupos:

b=*br*: *banco* (=branco), *bébe* (=breve), *bitar* (=britar), *caba* (=cabra);
p=*pr*: *pato* (=prato), *póbo* (=próvo) (7);
f=*fr*: *fanga* (=franga), *fancez* (=francez);
d=*dr*: *dama* (=drama), *dagão* (=dragão);
t=*tr*: *tóca* (=troca), *tubóum* (=trovão) (8);
g=*gr* (9).

Os grupos cl, gl, fl, pl erão conservados na pronúncia de C e B.

---

pâ-ll' (=paille). Este facto foi já verificado pelos philologos francezes, como E. Littré (*Diction.*, lettra *L*), G. Paris (*La vie de Saint Alexis*, 1872, pg. 101), A. Darmesteer (in *Rev. Scientif.*, Jan. 1878, pg. 677), etc.

(7) A creança C dizia: *plóbo* e *póbo* (=próvo).

(8) C dizia *táble* (=trave); B dizia *tábe* (=trave).

(9) C dizia *gáia* (=gralha); B *gálha*.

Nos meus apontamentos tenho da creança D: *gaixa* (=graxa), *pato* (=prato), *taquina* (=traquina); da creança A: *tába* (=cabra), *lhio* (=livro) (10).

O *r* cae antes de *n* em:

Inésto (=Ernesto), *Inestina* (=Ernestina), creanças B e C; *caneiro* (=carneiro), A, B e C.

A creança C dizia *Sibina* (Silvina), o proprio nome d'ella.

Eis algumas metatheses: creança A: *páca* (=capa), *póto* (=tópo=corpo); as creanças B e C dizião *pádilo* e *rádibo* as palavras mais difficies *pallido* e *rábido* (11).

A creança C dizia *lágrima* assim: *ráima* e *rárma*. Nota-se aqui a tendencia para simplificar a palavra, conservando o accento tonico, que, nas lingoas romanicas, é como que o centro de gravidade d'ella (12). Este pro-

---

(10) Cfr. por ex. *quarenta*=quadraginta, etc.

(11) Na *lingoa adulta* ha por ex.: *belga* (=lat. gleba), *próbe* (=pobre), etc.—No *Vocabulaire tourangeau* de A. Brachet ha por ex. *lumot* (=mulot). *Romania*, I, 91.—A metathese é um dos processos frequentes da *giria* dos pedreiros: *tapor* (=porta), etc.

(12) Na *Rev. Scientifique* de Nov. de 1878, pg. 425, lê-se a respeito de uma creança de 19 mezes: «Elle debuta en reproduisant la dernière syllabe tonique des mots, dont elle modifiait l'articulation conformément à la loi du moin-

cesso nota-se ainda com a reduplicação da syllaba tonica em certos termos peculiares á lingoagem infantil, como *ti-ti* (=tia), etc. ([13]).

* * *

Do que deixo dito no texto e nas notas se vê que a lingoagem infantil offerece phenomenos que se observão na lingoagem adulta. As analogias augmentarião se me eu occupasse da morphologia ([14]), da syntaxe e da semiologia. Estas analogias provêem, ou de que umas lingoas desenvolvem certas tendencias apenas esboçadas noutras, ou de que a humanidade, em certo estado do seu progresso, está para um estado se-

---

dre effort», *yé* (=Pierre); depois *a-bou* (=tambour), *a-teau* (=gateau).—Uma creança de 20 mezes chamava *vé* (=verre) a uma *garrafa*.

([13]) Vid. as minhas *Trad, popul. de Portugal*, § 345. Sobre as creanças cfr. tambem o cap. *Mythologia infantil*, § 367.

([14]) Assim as creanças, pela lei da analogia, tendem a simplificar certas fórmas verbáes, etc., reduzindo-as á uniformidade.

guinte na mesma relação em que uma creança está para um adulto. Em todo o caso, *ubique homo* ([15]).

([15]) Este art. que sahiu, com leves differenças, na *Revista de Estudos Livres* de Lisboa (vol. I) e no *Tirocinio* de Barcellos (n.os 33 e 94), foi traduzido em castelhano pelo snr. D. Alejandro Guichot y Sierra in *El Porvenir* de Sevilha (n.os 10700 e 10702). Aqui lhe tributo a minha gratidão.

Ling. infantil

~~DIALECTO~~ INGLEZA

III

LINGOAGEM INFANTIL INGLEZA (*)

Convencido de que as grandes mudanças que se tem operado nas lingoas são devidas com especialidade ás mudanças feitas nas palavras pelas creanças, quando começão a fallar, e á adopção, por seus paes, das alterações assim realisadas,

---

(*) Este art. foi publicado na collecção *Transactions of the Philological Society*, 1875-1876, com o titulo: *Notes, of the changes made by four young children in pronouncing English words* (A. D. 1863-1873)—By JAMES M. MENZIES, *Esq.* (a pag. 168 171).—Agradeço ao illustre ethnographo escocez, o sr. Walter Gregor, a fineza que me fez enviando-me uma cópia ms. d'aquelle artigo, que eu com a devida venia aqui traduzo do original inglez.—Como a respeito do artigo sobre a ling. infant. hisp., deixo ao A. a responsabilidade das suas notas.

emprehendi observar e escrever successivamente todas as variantes que certas creanças imprimião ás palavras, pois que se me proporcionou occasião de as ouvir quando andavão a aprender a fallar.

As observações completas limitárão-se apenas a tres individuos; mas observei mais dois, um dos quaes creio que ficou quasi esgotado; não assim o outro.

O periodo durante o qual fiz as minhas observações nos tres primeiros individuos, extendeu-se desde o tempo em que a creança principiou a proferir sons articulados até á edade de cinco ou seis annos; então tinhão desapparecido as peculiaridades phoneticas, e cada palavra era pronunctada correcta e distinctamente.

Vou agora expor as variações que observei.

a) A primeira creança, que chamarei A, pronunciava:

1. *small*, *smell*, *smith*, *smite*, etc. d'essa maneira: *hmal*, *hmell*, *hmith*, *hmite*, etc.; isto é, o *s*, quando combinado com o *m*, era substituido pela aspirada. (1)

---

(1) Cfr. o que se dá no *extremenho* de

2. *Horse* e *used* erão pronunciadas respectivamente *lorse* e *luseď*.

3. *Hand* e *hands* erão pronunciadas *rah* e *raz*.

4. *That*, *think*, *thing* etc. erão pronunciadas *hnat*, *hnink*, *hning*, etc.; isto é, o *th* era substituido por *hn* (*n* aspirado).

5. *Van*, *valentine*, *valley*, erão pronunciadas *ban*, *balentine*, *balley;* isto é, o *v* era substituido por *b* (²). Comtudo,

6. o *b* era substituido por *w* na palavra *bulrushes*, que era pronunciada *wool-rhuses*.

7. *Blue*, *glue*, *flew* etc. erão pronunciadas *boo*, *goo*, *foo;* emquanto que *green*, *screen*, *friend*, etc. erão pronunciadas *geen*, *skeen*, *fend*, etc.; isto é, estando o *b*, *g* (forte) e *f*, combinados com *l*, perdia-se o som d'esta líquida; e tambem, estando *g* (forte), *sk*, *f*, e algumas consoantes mais, em combinação com *r*, perdia-se o som

---

Hispanha. Vid. o meu *Dial. hisp-extremenho*, pg. 4. (N. do T.)

(²) Como se sabe, este phenomeno é corrente nos dialectos do Norte de Portugal. Podião-se aqui citar muitos factos de outros paizes. (N. do T.).

d'esta líquida. (3) Esta particularidade foi a ultima conservada por esta creança.

b) A segunda creança, B, pronunciava:

8. *Look*, *book*, *took*, etc., d'este modo: *looch*, *booch*, *tooch*, etc.; o *ch* das quaes era uma perfeita guttural, como a que se ouve na Escocia e na Allemanha.

9. *I want to eat that* era pronunciada *I want to (n)eat that;* isto é, inseria-se a lettra *n* entre as vogaes *o* e *e* das palavras *to* e *eat*.

10. *Begin* e *geography* erão pronunciadas *feguin* e *feography;* emquanto que

11. *breakfast* era pronunciada *breffast*. —Esta alteração nestas tres palavras manteve-se invariavelmente até que a creança completou cinco annos.

c) A creança C, pronunciava:

12. *Yes* e *toffy* como *nes* e *tossy*.

13. *Papa* e *Mama* erão pronunciadas *a'pà* e *a'mà*.

14. *Aunty* era pronunciada *attan*.

15. *Away*, *Aolloway*, etc. erão pro-

---

(3) Cf. o que se dá nas nossas creanças. (N. do T.).

nunciadas *a'ray*, *Aollo'ray;* isto é, o *w* era substituido por *r*.

16. *Spoon*, *skin*, *Seotland*, *spread*, *strife*, *strong*, *string*, *squeeze*. *squall*, *sting*, etc. erão pronunciadas *poon*, *kin*, *Kotland*, *pread*, *trife*, *toong*, *tring*, *queeze*, *quall*, *ting*, etc.; isto é, o *s* inicial cahia.

17. *Smite*, *small*, *smell*, *sneeze*, *snake*, *snail*, *sway*, *swing*, *swagger*, erão pronunciados *hmite*, *hmail*, *hmell*, *hneeze*, *hnake*, *hnail*, *hway*, *hwing*, *hawgger*, etc.; isto é, o *s* inicial era substituido pela aspirada.

18. *Compost*, *impost*, *Ernest*, etc. erão pronunciadas *compot*, *impot*, *Ernet*, etc.; isto é, o *s* na segunda syllaba cahia.

d) As variações que a creança D imprimia á pronúncia vulgar erão notaveis e distinctas. Tive occasião de proceder a um exame muito completo das particularidades da sua lingoagem. Eis o resultado das minhas observações:

19. *Whisper* era pronunciada *lisper;* e

20. *Walk*, *wash*, etc. erão pronunciadas *lawk*, *lawsh*; isto é, o *w* e o *w* aspirado erão substituidos por *l*.

21. *Dolly*, *donkey*, etc. erão pronun-

ciadas *golly*, *gonkey*, etc.; isto é, o *d* era substituido por *g* (forte).

22. *Brown*, *bring* etc. erão pronunciadas *bown* e *bing* etc.

23. *Father*, *fan*, *fat* etc. erão pronunciadas *sather*, *san*, *sat;* isto é, o *f* era substituido por *s*.

24. *Speak*, *spell*, *spin*, etc. erão pronunciadas *peak*, *pell*, *pin*, etc.; isto é, cahia o *s* que estava combinado com o *p*.

25. *Burrow*, *furrow*, *sparrow*, etc. erão pronunciadas *buddow*, *fuddow*, *spaddow*, etc.; isto é, o *r* era substituido por *d*.

e) A creança E tinha para cima de cinco annos de edade, quando a observei; havia nella sómente uma peculiaridade de lingoagem digna de reparo:

26. *Herbert* era pronunciada *Terbert;* isto é, a aspirada na primeira syllaba era substituida por *t*.

Tenho de fazer duas notas, que me forão suggeridas por esta investigação. A primeira é que em cada caso de variação da pronúncia usual havia uma clara e distincta substituição de uma consoante por outra; assim, por exemplo, a creança A dizia *ban* em vez de *van;* a creança B dizia

looch em vez de *look;* a creança C dizia *nes* em vez de *yes;* a creança D dizia *golly* em *dolly*. Quando digo que uma consoante era substituida por outra, é necessario attribuir um valor de consoante á aspirada, pois que a creança A e a creança B pronunciavão as palavras *smith*, *smell* etc. com *hmith*, *hmell*. O inverso observa-se no uso de *lorse* por *horse* na creança A. A segunda nota aqui a fazer é que estou convencido do que Moffat diz: «que as pessoas mais verbosas são as menos precoces».

As variações que as creanças introduzem na pronúncia das palavras são algumas vezes, e talvez em geral, despresadas; mas lá vem uma occasião em que são acceites, por seus maiores, que assim julgão tê-las feito andar meio caminho, com o desejo de as ajudar a vencer as difficuldades que ellas experimentárão em aprender a fallar.

Eu sei de algumas palavras que, apezar de refundidas pelas creanças, entrárão por muito tempo no uso domestico das familias d'ellas. A palavra *horse*, por exemplo, foi mudada em *lorse* pela creança A,

e esta phrase tornou-se ao mesmo tempo uma nova designação do estimavel quadrupede, designação promptamente adoptada; *rah* por *hand* foi egualmente acceita.

O mais notavel exemplo que eu soube de adopção de palavras alteradas, foi o de *begin*, que a creança B mudou em *fegin*. Esta nova palavra da creança captivou de tal modo o gosto de um joven de bem mais edade que ella, que, muito tempo depois de a creança a ter abandonado completamente, o joven, que se tinha habituado a ouvi-la, empregava-a na conversação familiar: «It is my turn to *fegin*» (=é agora a minha vez de começar)—ouvi-lhe eu dizer no principio de um jogo, passados quatro annos depois que elle a tinha ouvido dos labios da creança.

Porto, 1884.

J. Leite de Vasconcellos.

Special 94-B
12102

THE GETTY RESEARCH
LIBRARY